

LATHAM, Kiersten F. Museum object as document: using Buckland's information concepts to understand museum experiences. *Journal of Documentation*. Vol. 68 No. 1, 2012 pp. 45-71.

Grande é a responsabilidade social que os museus possuem, pois suas atribuições são atreladas diretamente à informação, insumo transformador da sociedade e de suas ações. Como o objeto de museu possui potencial informativo tanto quanto qualquer outro documento, Kiersten Latham, através de seu artigo, busca compreender o significado dos objetos de museu a partir de uma perspectiva informacional, a fim de conduzir o leitor a um novo olhar para o museu, para o objeto de museu e a experiência de seu usuário, apresentando o museu como um sistema de informação, a informação e seu uso multidimensional, e o objeto de museu como documento.

Kiersten F. Latham¹, Ph.D., é professora associada e diretora do MuseLab na Escola de Informação da Kent State University, onde realiza e ensina sobre estudos de museus a partir de uma perspectiva da Ciência da Informação. Além dos trabalhos realizados em meio acadêmico, Kiersten trabalha em museus há mais de vinte e cinco anos, atuando como diretora, educadora, pesquisadora, gerente de coleções, curadora, voluntária e consultora. Sua linha de pesquisa se desenvolve em torno do significado dos objetos de museu.

Latham fundamenta seu artigo, principalmente, nos conceitos de Informação de Michael Buckland. Buckland² é professor emérito da Universidade de Berkeley – School of Information – e codiretor da Iniciativa Cultural Atlas Eletrônico e pesquisador principal em diferentes projetos sobre informação. Seus interesses incluem serviços de biblioteca, recuperação da informação, as heranças culturais e do desenvolvimento histórico da gestão da informação.

Latham direciona o artigo para dois públicos, aos pesquisadores da informação que estão familiarizados com os trabalhos de Buckland, mas que não estão habituados com os objetos de museu no âmbito da Ciência da Informação e também aos pesquisadores da área de museu a fim de possibilitar novas ideias para entender objetos de museu e as experiências do visitante de museu.

Como forma de conduzir o leitor ao objetivo da pesquisa, Latham inicialmente visita de maneira detalhada os conceitos e usos de informação defendidos por Buckland, discorrendo

¹Bepress. About Kiersten F. Latham. Disponível em: <<https://works.bepress.com/kflatham/>> Acesso em: 27 ago. 2019

² MOSTAFA, S. Interview: (english/portuguese) Michael Buckland. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 2, n. 1, p. 230-242, 13 jun. 2011.

sobre objeto de museu como documento e dialogando as categorias de Buckland com a semiótica de Pierce a fim de relacioná-los com a experiência que o visitante de museu tem com os objetos.

No âmbito da Ciência da Informação, “informação”, termo que esta ciência carrega no nome, possui diferentes interpretações, significados e usos. Para Buckland, a informação deve ser observada dentro dos diferentes contextos em que pode estar inserida, trazendo uma das primeiras noções de informação relevantes para o âmbito da Ciência da Informação. O autor elenca três principais utilizações do termo “informação”: informação como processo, informação como conhecimento e informação como coisa.

No primeiro principal uso da palavra “informação” exposto por Buckland informação refere-se ao “ato de informar”, quando o sujeito passa por um processo, como, por exemplo, um pensamento, onde aquilo que se sabe é modificado, denominando assim, o primeiro uso, como informação como um processo.

Na segunda perspectiva, o que é percebido e compreendido no processo informacional, Buckland define como “informação como conhecimento”, ou seja, o que foi transmitido, teve significado e modificou o conhecimento do sujeito.

Como Buckland afirma que o conhecimento é algo pessoal e intangível, na terceira proposta o autor nomeia a utilização do termo “informação” como “informação como coisa”, atribuindo o uso à informação registrada em determinado suporte físico a fim de buscar representar o conhecimento para que possa ser comunicado, sendo, segundo o autor, a única forma de lidar e manipular a informação.

Buckland dá destaque ao terceiro uso do termo informação, afirmando ser imprudente estabelecer que alguma coisa não possa ser informativa, dentro de uma situação concebível. O autor afirma, deste modo, que informação é algo circunstancial, devendo ser observada as particularidades e situações envolvidas, concluindo que é incapaz de classificar algo que não possa ser informação.

Um importante ponto destacado por Latham é o fato de que Buckland não pretendia limitar ou “coisificar” a informação, mas ressaltar que no âmbito da Ciência da Informação, principalmente em seus mecanismos de recuperação e armazenamento da informação, lida-se com informação como coisa, ou seja, com representações do conhecimento, as quais, por fim, estão registradas em diferentes suportes físicos. Em trabalhos seguintes, devido aos diferentes significados do termo informação na área, Buckland, o termo mais apropriado para este caso deveria ser “documento”.

Latham, assim, discorre sobre as definições e categorias de informação utilizadas por Buckland, desde os tipos, espécies de informação, sobre os processos envolvidos na provisão e uso da informação, os sistemas de informação, as influências da Documentação e dos documentalistas Paul Otlet e Suzanne Briet no pensamento de Buckland a respeito do objeto como documento. Esta revisão conceitual é elaborada a fim de demonstrar ao leitor como o museu e o objeto de museu se encontram entre as diferentes ideias e categorias de Buckland. Assim, para detalhar as contribuições Buckland na perspectiva do museu, a autora concentra uma seção a fim de fazer relação entre estes.

Partindo do pressuposto de Buckland que toda informação só pode ser organizada, classificada, armazenada ou recuperada se for física, Latham destaca que os museus são sistemas de informação que o material informativo é propriamente o objeto, que organizam, descrevem, recuperam e exibem documentos de museu, constituindo-se, assim, guardiões de objetos culturais.

Latham ainda frisa que os museus como sistemas de informação, assim como os sistemas de gestão, sistemas de registros e sistemas de arquivamento, são incorporados e influenciados por seus contextos sociais e técnicos. Tais contextos são influenciados pela situação envolvida, seja a cultura, o tempo histórico, as políticas do sistema de museu, e, também, influenciados pelo consenso dos profissionais atuantes no museu, pois estes determinam quais objetos são interpretados como informativos, quais devem ser mantidos e exibidos. Estes fatores geram, por consequência, que diversos objetos potencialmente informativos sejam eliminados e não exibidos ao público, impactando diretamente naquilo que valorizado e preservado, demonstrando a responsabilidade dos museus no fornecimento de informações em meio à sociedade.

Latham também utiliza também os requisitos de Buckland em conformidade aos de Briet para que algo possa ser considerado um documento, ilustrando como os objetos de museu são materiais, evidências com o intuito de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual e como o objeto de museu possui impregnação humana e informações passivas que devem ser observadas, contextualizadas e interpretadas.

Latham, finalmente, chega ao último objetivo de seu artigo: a experiência do usuário do museu em contato com os objetos de museu. Como Buckland aborda superficialmente o usuário da informação, Latham utiliza conceitos da semiótica para colaborar no entendimento dessa experiência. Latham em sua leitura dos trabalhos de Buckland, vê que esta pode ser descrita como uma visão semiótica da informação e então traça um paralelo entre as tipologias

de Buckland e a semiótica de Charles Peirce e seu triângulo semiótico a fim encaixar os conceitos de Buckland no sistema.

O triângulo semiótico, de acordo com Latham, expõe como se dá a criação de um signo, sobre como os seres humanos estabelecem uma conexão entre uma coisa e um significado em um determinado ambiente. Ou seja, como uma coisa torna-se informativa, dotada de significado, para as pessoas dependendo a sua necessidade e contexto situacional. A partir disso, o autor estabelece uma ponte entre os conceitos de Peirce e de Buckland.

Como o representamen é a parte material na formação do signo, a representação, Latham o tipifica como o objeto de museu e informação como coisa. Já o interpretante, que não deve ser confundido com o intérprete, caracteriza-se como as diversas possibilidades de significação que podem ser geradas por um signo de acordo com o contexto pessoal de cada indivíduo, suas crenças, sua visão de mundo, Latham compara com a atividade mental que ocorre em cada visitante no momento de interação com o objeto de museu, ou seja, a informação como processo. Desta forma, toda a composição desse cenário remete ao objeto de Peirce, ao que é representado, o que o signo se refere, levando o indivíduo mudar o que conhece, ou seja, informação como conhecimento, provocando uma reação, neste caso, a experiência do visitante de museu, percebendo-se a participação do sujeito e seu contexto na atribuição de significado.

Outra teoria para elucidação que Latham aborda como importante na compreensão da experiência do visitante de museu em contato com o objeto de museu como documento é a de Louise Rosenblatt, a respeito de como se dá a leitura de um texto, podendo ser de forma eferente e/ou estética.

A partir do modo que é realizada a leitura de um mesmo texto o resultado da leitura pode ser diferente dependendo da conexão do leitor com o texto. Se um indivíduo faz a leitura do texto apenas de forma analítica, eferente e já outro coloca suas experiências de vida em conexão com o texto, conseqüentemente, as reflexões e informações adquiridas a partir do texto serão diferentes. Para Latham a experiência do visitante do museu em contato com o objeto de museu se constitui pela mesma lógica, pois este ao se envolver, somar suas vivências e se conectar com o objeto de museu no ambiente de contexto que é o museu, como resultado o indivíduo pode tornar-se informado com mais efetividade.

Em seu artigo, Latham utiliza diferentes autores e conceitos para conduzir o leitor aos objetivos de texto. Como pesquisa norteadora, o autor utiliza um trabalho clássico da Ciência da Informação para elucidar como estudos que envolvem o museu como sistema de informação e o objeto de museu como documento são relevantes para a área. Fica evidente que argumento da autora no artigo condiz com as ideias de Buckland, como por exemplo, na entrevista à

Revista de Ciência da Informação da Universidade de São Paulo³ em que Buckland descreve que foi através da observação de pássaros empalhados justamente em um museu em uma universidade, que ele chegou à conclusão que tais pássaros em determinado contexto eram tão informativos quanto livros em prateleiras. Tal reflexão, como afirma na entrevista, conduziu Buckland a se interessar em pesquisa documental e ver o objeto de museu como um documento.

A relevância dos conceitos de Buckland sobre a informação e o documento não se esgotam no ponto de vista dos museus, pois, ao tratar do objeto como documento, como afirma Latham, o autor faz uma ponte entre todas as instituições de patrimônio, já que todas possuem em seus acervos objetos informativos a fim de atender as necessidades de seus usuários cada uma dentro de seu contexto e funções específicas.

Latham ainda destaca a responsabilidade do museu e dos profissionais atuantes na área em selecionar o que é potencialmente informativo ou não para seu usuário e a relevância de estudos sobre a experiência do visitante de museu em contato com o objeto de museu como forma de aquisição de informação.

Segundo Carlos Araújo⁴, a informação é compreendida e percebida de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação, onde a intersubjetividade conformada a partir informação colabora de maneira central para entendimento das diferenças entre as formas de conhecimento, os diversos planos de realidade, dos mecanismos de sua forma de configuração e legitimação, demonstrando a imprescindibilidade do indivíduo estar envolvido nos estudos sobre informação para possibilitar a identificação e interpretação da informação. Araujo afirma: “Os sujeitos precisam, necessariamente, ser incluídos nos estudos sobre a informação e, sobretudo, precisam ser incluídos em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais”⁵. Essa preocupação é demonstrada por Latham nas relações que são estabelecidas no artigo entre documento, pessoa e significado numa perspectiva informacional no museu.

Thailine Leite - Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília - PPGCINF/UnB

³ MOSTAFA, S. Interview: (english/portuguese) Michael Buckland. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 2, n. 1, p. 230-242, 13 jun. 2011.

⁴ ARAÚJO, C. A. A. A Ciência da Informação como ciência social. Ci. Inf., v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/29>>. Acesso em: 22 ago. 2019. p.24

⁵Ibid., p. 25